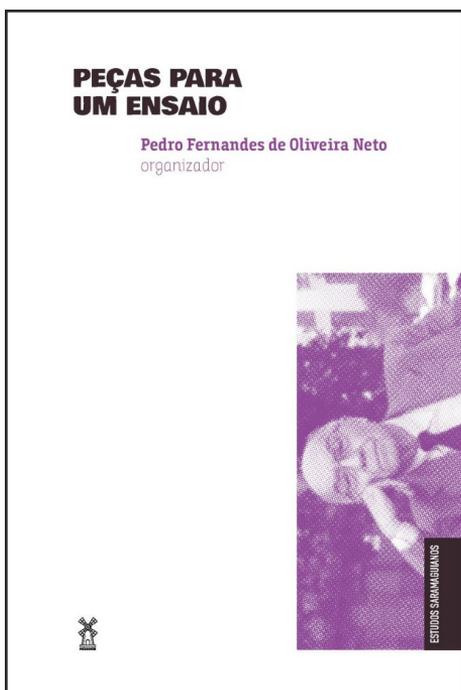


**Pedro Fernandes de Oliveira Neto (Org.): *Peças para um Ensaio*. Belo Horizonte: Editora Moinhos, 2020, 400 pp.**

*Jonas Leite (UFPE)*



De certo, a obra de José Saramago tem rendido estudos e adaptações de diversas ordens ao redor do globo, muito em virtude da projeção que o Prêmio Nobel de Literatura (o primeiro em língua portuguesa) conferiu à sua literatura original e inquietante, bem como pelo estilo singular e enredos criativos, que reúnem política e fantasia, nem sempre de fácil inteligência, mas nem por isso menos populares.

Nessa esteira, quase trinta anos após o lançamento de *Ensaio sobre a Cegueira* (1995), o nono romance de Saramago continua atualíssimo, tanto pelo teor universalizante do texto, quanto por debater questões éticas

fundamentais para os dias que correm. Para além disso, uma coincidência entre a realidade hodierna dos últimos dois anos e o enredo da publicação em questão lança luz sobre a urgência desta obra saramaguiana, na medida em que a trama do livro é desenvolvida em torno das implicações do avanço de uma doença estranha e repentina, altamente contagiosa, que vai tomando conta da cidade, trazendo medo e caos. Se tal realidade literária liga-se a uma tradição de retratar a peste, conforme assevera Bergoña Ortega, em “*Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, na tradição de obras sobre a peste” (pp. 63-78), pode ser rapidamente associada também à pandemia de Covid-19, que vem assolando o mundo nos últimos dois anos, provocando cenas de horror, semelhantes ao que Saramago escreveu no seu romance. Dessa maneira, a discussão acerca deste livro é extremamente oportuna, tanto em suas questões formais e dialógicas, como na sua dimensão ética.

Portanto, apresentar ao público leitor e à crítica um conjunto de textos

exclusivamente voltado para debater a vastidão deste romance afigura-se como um contributo ímpar aos estudos saramaguianos, na tentativa de apreender a vastidão desta obra, articulando diversos olhares voltados para o mesmo alvo. Com efeito, *Peças para um Ensaio*, organizada pelo professor e estudioso do autor português, Pedro Fernandes de Oliveira Neto, conjuga *ensaios-peças* de modo a (re)afirmar a potência da obra e traçar possíveis itinerários de leitura, através de estratégias metodológicas múltiplas, totalizando um todo coeso e plural – ensaios para o *Ensaio*. É o segundo volume de uma série denominada de “Estudos Saramaguianos”, publicados no Brasil pela Editora Moinhos, de Belo Horizonte, que se afigura como uma excelente oportunidade para o público brasileiro conhecer com mais facilidade o pensamento crítico produzido a partir da literatura de José Saramago.

Composto por 17 peças, de pesquisadores da Argentina, Brasil, Espanha e Portugal, os ensaios colecionados neste volume podem atestar a complexidade e a riqueza de leituras e que o romance debatido oferece, direcionando o leitor para searas interpretativas que compreendem, por exemplo, os exercícios de literatura comparada, como em “O *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago, sob a ótica do existencialismo de Sartre” (pp. 169-178), de Odil José de Oliveira Filho e Miriam Giberti P. Pallotta, “Primo Levi e José Saramago: o livro eterno e o quadro infinito” (pp. 223-256), de Teresa Cristina Cerdeira, “O deslocamento da r[otina]: a cegueira entre Saramago e Vieira” (pp. 257-310), de Cesar Kiraly “José Saramago e Mia Couto: o branco como viagem às ‘zonas obscuras’ do homem e do mundo” (pp. 311-334), de Odete Jubilado, “A aprendizagem do ‘Romance Concentracionario’. *D’A Centelha da Vida* (1952) a *Ensaio sobre a Cegueira* (1995)” (pp. 335-374), de Orlando Grossegeisse, perpassando também análises que prescrutam o universo interno e externo de *Ensaio sobre a Cegueira* e sua compreensão na economia da extensa obra do escritor português, como em “*Ensaio sobre a Cegueira*, um ensaio ficcional ou uma ficção ensaística” (pp. 23-26), de Miguel Real e “*Ensaio sobre a Cegueira*, um romance-síntese sobre a temática do olhar na obra de José Saramago” (pp. 27-62), de Pedro Fernandes de Oliveira Neto, “Flashes. Três visões sobre o *Ensaio sobre a Cegueira*” (pp. 101-110), de Miguel Alberto Koleff, além dos debates acerca da transposição midiática e das experiências literárias em contexto escolar, conforme é o caso de “Vi o livro, li o filme: *Ensaio sobre a Cegueira*” (pp. 355-374), de Ana Paula Arnaut e “Ensaio sobre a leitura do *Ensaio* no ensino secundário” (pp. 375-390), de Sara de Almeida Leite, respectivamente.

Sendo assim, objetivando contemplar o sentido vário que o romance

encerra, *Peças para um ensaio* pode ser entendido a partir de três eixos norteadores, postulados de pronto pelo organizador: as determinações internas, em que se especulam os aspectos formais, estruturais, linguísticos e micro-textuais; as diversas relações entre a obra literária em foco e outras obras do autor e também de outros autores, em que se evidenciam contornos macro-textuais e, por fim, uma leitura que contempla novos sistemas derivados do romance.

Nesse diapasão, também merece destaque a seção final do livro, que relaciona os ensaios (publicados em revistas e capítulos de livros), dissertações e teses, recensões e livros que versam sobre o *Ensaio sobre a Cegueira*, franqueando ao leitor um conhecimento mais amplo e verticalizado, para o qual *Peças para um Ensaio* já aponta.

O inegável aspecto de parábola que se desprende do romance estabelece uma espécie de ética da convivência, em que a metáfora da cegueira branca alegoriza a alienação e a perda da individualidade, sintomas do mal-estar da civilização ocidental coeva. Nesse sentido, Saramago impõe-nos a necessária reflexão sobre a importância do senso de coletividade e do cuidado com o outro, um chamado à razão e à solidariedade quando o caos se instaura. Tais implicações são ecoadas em “A desregulação do mundo”, de Sandra Ferreira (pp. 79-100), “Os estrangeiros urbanos de José Saramago” (pp. 111-128), de Monica Figueiredo, “*Ensaio sobre a Cegueira*: a repressão visível a olho nu” (pp. 129-148), de Cleomar Pinheiro Sotta, “A realidade insólita de *Ensaio sobre a Cegueira*” (pp. 149-168), de Tania Mara Antonietti Lopes. Ainda nesta senda, mas com ênfase no uso da alegorização como tradução do contexto – conforme o pensamento de Todorov de que a alegoria é uma representação simbólica da realidade –, destacam-se os ensaios “As alegorias da cegueira e da lucidez na obra de José Saramago” (pp. 179-204) e “Alegorias da desconstrução urbana: *The Memoirs of a Survivor*, de Doris Lessing, e *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago” (pp. 205-222), de Horácio Costa.

Portanto, *Peças para um Ensaio* presta mais um importante contributo crítico para a área de literatura portuguesa, em especial aos estudos saramaguianos, pois oferece ao público diversos caminhos de diálogo e interpretação de uma obra tão urgente e necessária a nosso tempo. Nada mais justo e coaduno com uma literatura tão preta de sentidos e reflexões, sempre atemporal e universal.